



A MULHER CONTEMPORÂNEA: UM PERCURSO INSTÁVEL EM BUSCA DE NOVAS IDENTIDADES

Crizeide Miranda Freire ¹

Que venha de dentro de mim, ou de onde vier [...] que tenha o cio das onças e lute com todas as forças, conquiste o direito de ser uma nova mulher.²

Introdução

Destacamos no texto algumas reflexões sobre as transformações promovidas pela modernidade com um enfoque na categoria de gênero, nas relações entre homens e mulheres, observando o trajeto percorrido por estas na luta pela ocupação de outros espaços sociais, possibilitando assim que representem devidamente as múltiplas identidades vividas nas várias práticas discursivas ao longo da história.

Podemos dizer que as mudanças provocadas pela modernidade geraram modificações em várias esferas sociais, dando espaço a novas conquistas tecnológicas, materiais, científicas, culturais, promovendo uma diversidade de estilos e formas de ser, sem esquadrinhamento, diferindo de moldes pré-estabelecidos, dando lugar a uma nova “(des)organização” social.

Nesse novo contexto social onde as transformações ocorrem de forma quase que instantâneas, “num piscar de olhos”, há uma mobilização em torno da quebra de conceitos, do rompimento de paradigmas, que por muito tempo ocuparam o cenário nacional como verdades absolutas, imprimindo a alguns grupos um espaço de pouca ou quase nenhuma visibilidade social, marginalizando, excluindo-os de uma participação efetiva e consciente na sociedade.

Fundamentos tradicionais e sólidos entram em caos, “tudo que é sólido desmancha no ar”³, tudo que é sagrado também é profano, as relações fixas ruem, diluem-se. Emergem assim, nesse espaço globalizado novos discursos: étnicos, raciais, a busca de compreensão da classe social, de gênero, de sexo, de idade, em fim, os grupos locais atravessam os mares, tornam-se presentes na esfera nacional, global, e ocuparam devidamente a paisagem no mundo multicultural.

Temas e tabus presentes na sociedade começam a ser discutidos com mais frequência e veemência: movimentos de conscientização dos negros, práticas sexuais antes vistas como

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia- PPGEduc UNEB. crizfreire@hotmail.com

² Trecho da música Uma nova mulher, de composição de Paulo Debétio e Paulinho Rezende, interpretada por Simone.

³ Expressão dita por Marx e Engels no Manifesto Comunista.



indevidas, movimentos políticos de liberação das lésbicas e gays, disputa do espaço de trabalho entre homens e mulheres. O cenário muda: julgamentos se desfazem, se negam, novos valores são criados, o homem do mundo moderno não vê nada como perfeito, “é comovido pelo infinito, pelo incomensurável”⁴

1 Uma Crise que Sinaliza Mudanças e Reflete Identidades

As transformações que ocorrem entre o final do século XIX e meados do século XX levaram a uma emancipação humana, no momento em que foi levantada a bandeira em prol da necessidade de se trabalhar com a diferença. Junto aos movimentos políticos de libertação surgiram alguns grupos – neonazistas, fanáticos religiosos - com ações dramáticas, defendendo a permanência da submissão. Tentaram negar ao sujeito a possibilidade de experimentar a heterogeneidade da vida humana, em uma época de reflexões e novas ações, não de retrocesso.

Nesse processo de reflexividade vivido na sociedade contemporânea, sendo esta entendida por muitos como modernidade tardia⁵, nos é permitido vivenciar de formas múltiplas as identidades sociais provocadas pelas mudanças sócio-políticas e culturais, desarticuladoras dos velhos valores e que tinham como força revolucionária o capitalismo.

A reflexividade da vida social moderna consiste no fato de que as práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas à luz de informações renovada sobre estas próprias práticas, alterando assim constitutivamente seu caráter. [...] O que é característico da modernidade não é uma adoção do novo por si só, mas a suposição da reflexividade indiscriminada – que, é claro, inclui a reflexão sobre a natureza da própria reflexão (GIDDENS, 1991, p.46).

Segundo Marx (2001), para que ocorresse a evolução social humana era inevitável passar pelo capitalismo; contudo, este libertava as forças de produção e transformava essa realização em instrumento de injustiça. Assim, o mundo deveria funcionar através da luta de classe, mas não como combate, como um processo que poderia acontecer dentro de cada um.

O capitalismo, que ocupa espaço nesse novo contexto, expande-se pela mobilidade virtual encurtando distancia e possibilitando mudanças rápidas. O desenvolvimento tecnológico contribuiu efetivamente com essa nova realidade, através dos meios de comunicação nos conectamos em tempo real com nossos pares identitários numa sociedade em rede, dando mobilidade e acesso às informações.

⁴ O termo aqui apresentado é um posicionamento de Nietzsche citado no texto de Berman, Tudo que é sólido desmancha no ar, 1986.

⁵ Giddens não conceitua o momento vivido como pós-modernidade, usa a expressão modernidade tardia.



Muitas camadas sociais ainda não se inseriram nesta dinâmica, não estão em conexão virtual, continuam “locais” num mundo globalizado, ratificando a privação e degradação social expressas nos discursos dos sujeitos que buscam se localizar através de suas marcas identitárias. Tais identidades não são unificadas e, na modernidade tardia são cada vez mais fragmentadas, construídas de formas múltiplas nos diferentes discursos, com novas práticas e posicionamentos.

O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável está se tornando fragmentado: composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas. [...] O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente (HALL, 2006, p.12).

Mediante estes fatos que dão nova roupagem ao mundo, em meio as várias mudanças que desestabilizam a sociedade contemporânea, analisemos alguns aspectos relacionados ao feminismo, na discussão que se amplia na perspectiva das relações de gênero, imprimindo um novo olhar sobre o papel de homens e mulheres, dando a estas visibilidade nos vários espaços sociais que vem ocupando, o que reflete em sua própria (re)construção identitária.

O momento vivenciado e denominado crise da modernidade, contribuiu sobremaneira para repensarmos papéis, crescimento social e intelectual de homens e mulheres. Antes deste período os homens e as mulheres tinham papéis bastante distintos e demarcados socialmente. Dos homens era esperado comportamento ríspido, duro, uma “conduta de macho”; das mulheres, atitudes delicadas, até mesmo frívolas, sempre submissas para que em nada atrapalhassem.

Filósofos das Luzes, como Rousseau, demarcavam o lugar do homem e da mulher na sociedade, considerando as diferenças de gênero ligadas à questão biológica, ao sexo, e que estas diferenças indicariam as características morais: a mulher deveria cultivar suas qualidades ocupando seu lugar, permanecendo inferior ao homem, só deveria utilizar a razão se esta contribuísse para o cumprimento dos seus deveres: obedecer ao marido, cuidar dos filhos.

Toda a educação das mulheres deve ser relativa aos homens. Agradá-los, ser-lhes úteis, fazer-se amar e honrar por eles, criá-los, cuidar deles depois de crescidos, aconselhá-los, consolá-los, tornar-lhes a vida agradável e suave: eis os deveres das mulheres em todos os tempos, e o que se deve ensinar-lhes desde a infância. (ROUSSEAU apud PERROT, 2008, p.92)

Por muito tempo a mulher passou a ser tomada como a “rainha do lar”, reprimindo seus desejos, ações, apresentando uma identidade forjada pela subserviência e pela dominação masculina. Anulada pela sociedade androcêntrica, a mulher não representava perigo à ordem familiar, era guiada pelo regime patriarcalista.

Na quebra dos estereótipos que silenciaram ao longo da história a figura feminina, numa (re)construção identitária de quem somos, de onde vivemos e para onde pretendemos ir, destacamos a



mudança de postura da mulher, sua crescente inserção em todas as esferas sociais, numa perspectiva anti-essencialista, ratificando a idéia de que somos seres mutáveis.

A categoria – étnica, gênero, trabalhador - a qual pertencemos é dotada de diversidade, somos únicos dentro de instancias múltiplas. Ao discutirmos gênero, não podemos dizer que todos os homens ou mulheres se unem por interesses ou características comuns, os traços identitários coexistentes em cada sujeito são também contraditórios, podendo se apagar ou não, dependendo das práticas discursivas vivenciadas em momentos distintos.

Ser homem e ser mulher advém de um percurso histórico, é uma construção social, cultural, produzindo sentidos múltiplos nos diferentes momentos da vida, atravessados por representações que são produzidas, mantidas e/ou ressignificadas.

Homens e mulheres certamente não são construídos apenas através de mecanismos de repressão censura, eles e elas se fazem, também, através de práticas e relações de práticas e relações que *instituem* gestos, modos de ser e de estar no mundo, formas de falar e de agir, condutas e posturas *apropriadas* (e, usualmente, diversas). Os gêneros se produzem, portanto, nas e pelas relações de poder (LOURO, 2008, p.41).

Com a mudança do cenário mundial, no centro das alterações sociais e políticas estão as do ponto de vista da história econômica. Elas se configuram pelo surgimento da sociedade industrial, do capitalismo, e da própria ascensão da burguesia que nasce em decorrência desse evento. Com a Revolução Industrial houve a necessidade de aprofundamento da divisão social do trabalho, da expansão do comércio e do surgimento de novas profissões que contribuíram de forma decisiva para a entrada da mulher no espaço privado.

No período das guerras mundiais, por exemplo, por necessidades estratégicas, as mulheres substituíram os homens em suas tarefas nas indústrias da Europa e dos Estados Unidos. O retorno à situação anterior de divisão de trabalho, verificada após a guerra, deveu-se a razões eminentemente sociais e não técnicas. Ser ou não qualificada, estar ou não preparada para o desempenho de determinadas funções são constructos simbólicos que dizem respeito às diferenças de gênero constituídas culturalmente pelas sociedades (FAGUNDES, 2005, p. 41).

Esse deslocamento do ambiente privado – o lar, para a ocupação do espaço público – a fábrica, não ocorre exatamente por escolhas e desejos femininos, mas para substituir os homens pela sua impossibilidade momentânea, a paisagem bélica, ratificando o falocentrismo e a poucas opções que tinham as mulheres neste momento.

Ao invés de limitar-se aos afazeres doméstico, as mulheres passam a ocupar profissionalmente os espaços externos, antes destinados apenas à figura masculina. Embora Marx aponte, de forma indignada, que este momento de introdução das mulheres no mercado de trabalho



seja como instrumentos de produção⁶, não se levavam em conta a qualificação do ser feminino, mas a necessidade da atual contingência, os seres humanos, homens e mulheres, se tornavam todos utensílios de trabalho, escravizados pela máquina de produção.

A inserção social da mulher é marcada também por algumas práticas cristãs em que elas eram levadas ao espaço externo para ajudar doentes, prisioneiros, permitindo-as circular em diversos espaços sociais, participando de reuniões e movimentos de associação, contribuindo significativamente com uma mudança de postura e uma (re)construção identitária.

Outro passo de destaque na trajetória da história das mulheres foi a primeira e a segunda onda do movimento feminista. A primeira onda foi em torno do movimento sufragista, que buscou estender o direito de voto às mulheres. A segunda ocorreu entre os anos 60 e 70 e centrava-se na construção do conhecimento, no desenvolvimento de estudos e pesquisas visando denunciar e compreender a invisibilidade política a qual a mulher foi submetida.

Em meio às conquistas, continuavam as tentativas de retrocesso no tocante ao avanço da mulher. Freud, no seu trabalho com o inconsciente estudou a natureza feminina por meio da estrutura edipiana, marcando o lugar que cada um assumia: via a mulher como objeto passivo, aquela que não contribuía para o desenvolvimento da civilização como o homem, que investia sua libido para isso.

Mesmo com idéias como estas, as mulheres continuaram a buscar novos espaços, quebrando a submissão que as representavam. As conquistas se sucediam sempre, fazendo ruir pouco a pouco alguns estereótipos, principalmente em relação a instituição familiar, muitos divórcios surgiram e atrelado a eles outra concepção acerca do casamento. Investindo em sua vida pessoal e profissional, procuram outras formas de satisfação além do matrimônio.

Dentro desse novo quadro inaugurado pela mulher, podemos dizer que estas novas identidades se expressam na circulação de suas imagens, das novas mulheres que se apresentam mediante os eventos discursivos, deslocando a idéia de uma realidade única, estática, tomada por uma “oscilação entre o estranhamento e a pertinência” (Arditi, 2000) de ser.

2 Educação: Um Direito Que Vai Além do Horizonte

Embora consigamos perceber uma árdua batalha e uma constante elevação na trajetória feminina, não se pode esquecer que ainda é pequeno o espaço ou mesmo os direitos dados a ela em

⁶ No livro *O Manifesto Comunista* há uma sinalização desta condição feminina, como dos sujeitos como um todo levados pelo capitalismo.



relação aos dos homens. Ainda temos um número significativo de mulheres que estão fora do espaço escolar, muitas delas participam de programas de alfabetização de adultos na tentativa de conseguirem adentrar no universo grafocêntrico.

Em nossa sociedade, a Educação para homens e mulheres sempre foi diferenciada tanto no seio familiar quanto nas instituições educacionais. O mundo do saber sempre esteve acessível aos homens desde a infância, às mulheres era restrito, e promovia a conservação de aspectos tidos como próprios de sua natureza: temperamento subserviente, dócil, envolvimento no espaço doméstico, atitude e ações condizentes com seu aspecto de fragilidade.

Na tentativa de ocupar um espaço a mais na sociedade, desde o século XV se começou a lutar em busca do acesso a ciência para as mulheres, possibilitando-lhe o estudo, o ingresso efetivo ao espaço educacional. No século XVIII este propósito tornou-se mais intenso, tendo em uma das defesas a esse direito, a justificativa de que o ser humano era constituído pelos dois sexos, tendo os dois direito à educação; a colocação da mulher em posição inferior ao homem era uma questão cultural não mais vista como aspecto de “natureza humana”; sendo assim, não poderia persistir.

No Brasil o acesso à educação para homens e mulheres iniciou com a chegada dos jesuítas. A elas eram ensinado às prendas domésticas, nada que envolvesse atividades de grande raciocínio. Surgem depois algumas instituições para mulheres, muitas com métodos confusos, havia falta de professores e pouco capacitados. Na tentativa de redefinir e melhorar a educação feminina nascem as Escolas Normais especializada na formação de professores.

Ainda que muitas mulheres tenham conseguido adentrar ao espaço escolar, a sua inserção na educação só foi intensificada no século XX atrelada a sua inclusão no mundo do trabalho. Muitas delas exerciam o trabalho doméstico e as que trabalhavam fora do espaço privado, estavam vinculadas as profissões ligadas ao gênero (vistas como vocação ou de pouco esforço) com uma remuneração abaixo da paga aos homens, é o caso do magistério.

Através da dominação masculina, dos efeitos que esta provoca na afirmação da identidade feminina, a escola acaba contribuindo na reprodução das diferenças sociais entre os gêneros, na medida em que modelam a mentalidade feminina, induzindo-as a escolherem cursos tidos como feminizados. “Os homens eram canalizados para profissões tidas como mais ativas e que exigiam raciocínio abstrato e lógico, deixado para as mulheres o exercício de funções consideradas mais leves, como ser professora, enfermeira e secretária” (Fagundes, 2005, p.53).

Muitos foram os acenos feitos contra a discriminação da mulher. Sua intensificação se deu com o Feminismo, tendo como uma das grandes conquistas a inserção das mulheres de classes



menos abastadas no aprendizado da leitura, levando-as a reivindicar melhores condições de vida, ratificando a premissa, que a educação da mulher atua como um fator de mudança social e política, colaborando na equidade entre os gêneros.

A participação em diferentes grupos sociais em busca de melhores condições, do respeito à diversidade e de ser o que é, provoca uma quebra do silêncio, deixa ecoar as outras identidades que se constituem de forma heterogênea, refletindo a necessidade de assumirmos diferentes papéis em meio aos múltiplos diálogos, transcendendo de forma caleidoscópica: “que venha de dentro de mim uma nova mulher”.

Muitas mulheres chegaram ao nível universitário, ocupam além do magistério outros setores da sociedade, mas a grande maioria ainda vive a crescente batalha por cargos com os mesmos direitos dado aos homens. Os salários não devem ser definidos “pelo uso ou não do batom”, a responsabilidade não deve ser medida “pela quantidade de músculo”. É preciso compreender que a questão não é igualar o homem e a mulher, mas sim de se perceber e valorizar as diferenças entre eles, saber que independente da escolha sexual, do tipo de vestimenta, da cor dos olhos ou da pele, todos somos capazes.

É preciso continuar vigilante, colaborar com a inserção real de outras mulheres na escola, na indústria na administração das multinacionais. Enfim, provocar um movimento de deslocamento identitário, e sabendo que a escolarização contribui na reconstrução das relações de poder e nos leva a novos horizontes, utilizada como uma arma que pode detonar as amarras que mantinham o silenciamento feminino.

Considerações Finais

Uma das instâncias de poder mais significativas no mundo moderno é a relacionada à produção de saberes e a sua legitimação. Assim, como é necessário se desconstruir e deslegitimar a ciência para que ela se torne legítima (Lyotard, 2002), o mesmo deve ser feito com o discurso sobre a mulher. Torna-se necessário rever a posição da mulher na sociedade, sua crescente ocupação nas mais variadas repartições e sua contribuição efetiva com o crescimento social, econômico, político e cultural da nação.

A promoção da igualdade entre os gêneros, o fortalecimento político das mulheres, colaboram com a afirmação do seu direito à educação, e para isso é preciso políticas públicas que objetivem eliminar a discriminação que sofrem. Desta forma, experienciarão uma nova geografia, e



sendo habitantes do “líquido mundo moderno” (Bauman, 2001), tomarão este estágio como ponto de partida, o primeiro degrau para chegarem ao topo.

Felizmente, as conquistas educacionais, profissionais e sobre o reconhecimento do direito às diferenças tornam-se crescente no mundo atual, mas é importante salientar, que a luta não para, embora a discussão de gênero já se faça presente em vários espaços e a mulher esteja se apresentando como um “mosaico”⁷ em nossa sociedade, é necessário garantir que este reconhecimento se expanda, não para ultrapassar o direito do outro, mas para promover a equidade entre eles.

A instabilidade precisa ser vencida com conquistas reais que confirmem a mulher (re)construírem suas identidades nos diferentes contextos, identidades que mostrem as representações que fazem de si, não as construídas e estereotipadas por outrem.

Cada espaço ocupado foi intenso e árduo, às vezes em função da necessidade momentânea, como na ocupação da indústria, mas que nos deu mais força e grande fôlego para mostrar que somos capazes e que não há razão para nos deixar fora das tomadas de decisões que implicam diretamente na vida de todos. Somos capazes, mesmo que nos achem frágeis. O cipó é flexível, maleável, mas nem por isso perde sua força. Assim é a mulher.

Referências

- ARDITI, Benjamim. **El Reverso de La diferencia: Identidad y Política**. Ed. Nuevo Sociedade. Caracas. Marzo Deo 2000. (em impreta).
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Jorge Zahar Editor: Rio de Janeiro, 2001.
- BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido se desmancha no ar: A aventura da Modernidade**. Companhia das Letras: São Paulo, 1986.
- COSTA, Cláudia de Lima e SCHMIDT, Simone Pereira. (orgs.). **Práticas e políticas feministas**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2004.
- COSTA, Ana Alice Alcântara e ALVES, Ivya. (orgs.). **Ritos, mitos e fatos. Mulher e gênero na Bahia**. Salvador: NEIM/UFBA, 1997.
- FAGUNDES, Tereza C. P. Carvalho. **Mulher e Pedagogia: um vínculo re-segnificado**. Salvador: Helvécia, 2005.
- GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da Modernidade**. Tradução de Raul Fiker . São Paulo: Editora UNESP, 1991.

⁷ Tomo de empréstimo a expressão de Arditi para reforçar que somos várias peças “contaminadas”, ou seja, misturada com os rastros uns dos outros.



- HALL, Stuart. **Identidade Cultural na pós-modernidade**. 7 ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 10 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- LOURO, Guacira Lopes. FELIPE, Jane. GOELLNER, Silvana Vilodre (orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 3 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- LYOTARD, Jean François. **A Condição Pós- Moderna**. 7ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2002.
- MARX, Karl e ENGELS, Friederich. **Manifesto do Partido Comunista**. Marin Claret: São Paulo, 2001.
- PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. 1. ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008.
- RIBEIRO, Vera Masagão. **Educação de jovens e adultos: novos leitores, novas leituras**. Campinas: Mercado de Letras, 2001.
- RUSSEAU, Jean Jacques. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**. Ediouro: Rio de Janeiro, 1994.
- SOARES, Leôncio. (org.). **Aprendendo com a diferença – estudos e pesquisas em educação de jovens e adultos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.